

Vulnerabilidades sociais e rupturas na transição para a vida adulta

Paula Guerra

ENCONTRO/DEBATE: VULNERABILIDADES JUVENIS

Junta de Freguesia de Paranhos

Março de 2004

O RESTO DO MUNDO

"Eu queria morar numa favela. Eu queria morar numa favela. Eu queria morar numa favela. O meu sonho é morar numa favela. Chamo-me de cheiroso como alguém me chamou. Mas pode chamar-me o que quiser senhor doutor. Eu não tenho nome. Eu não tenho identidade. Eu não tenho a certeza se sou gente de verdade. Eu não tenho nada mas gostaria de ter. Aproveita senhor doutor e dá um trocado para eu comer... Eu gostaria de ter um pinga de orgulho. Mas isso é impossível para quem come o entulho misturado com os ratos e as baratas e com o papel higiénico usado nas latas de lixo. . Eu vivo como um bicho ou pior que isso. Eu sou o resto. O resto do mundo. Eu sou mendigo, um indigente, um indigesto, um vagabundo. Eu sou... Eu não sou ninguém. (...) Eu sou sujo, eu sou feio, eu sou anti-social. Eu não posso aparecer na foto do cartão postal porque para o rico e para o turista, eu sou poluição. Sei que sou um brasileiro. Mas eu não sou um cidadão. Eu não tenho dignidade nem um tecto para morar. (...) Honra? Não tenho. Eu já nasci sem ela. E o meu sonho é morar numa favela. Eu queria morar numa favela. Eu queria morar numa favela. Eu queria morar numa favela. (...) A minha vida é um pesadelo e eu não consigo acordar. E eu não tenho perspectivas de sair do lugar. A minha sina é suportar viver abaixo do chão. E ser um resto solitário esquecido na multidão. Eu sou o resto do mundo. (...) Frustração, é o resumo do meu ser. Eu sou filho da miséria e o meu castigo é viver. (...) Eu sei que a maioria é pobre. Mas eu nem chego a ser pobre, sou podre! Um fracassado. Mas não fui eu que fracassei. Porque eu não pude tentar. Então que culpa eu terei? (...) Eu não sou registado, eu não sou baptizado. (...) Eu não sou um empregado, eu não sou um consumidor. Eu não sou amado, eu não sou respeitado. Eu não sou perdoado e também sou pecador. Eu não sou representado por ninguém. Eu não sou apresentado para ninguém. Eu não sou convidado de ninguém. E eu não posso ser visitado por ninguém. Além da minha triste sobrevivência, eu tento entender a razão da minha existência. (...) Vivo na solidão mas não tenho privacidade."

Texto adaptado, GABRIEL O Pensador, 1994

A CONDIÇÃO SOCIAL JUVENIL

A diversidade de situações em que se pode encontrar um jovem na actualidade retira alguma coerência a este tipo de abordagens, que tende a encará-los como uma massa uniformizante, sem que na verdade eles o sejam. Bourdieu vem acrescentar que a "idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável" (Bourdieu, 1984:145), pelo que considera importante analisar as diferenças entre jovens, na medida em que considera que o facto de se falar dos jovens enquanto unidade social, ou grupo constituído dotado de interesses comuns, que estão associados a uma idade definida biologicamente, constitui desde logo uma manipulação evidente. João Teixeira Lopes considera que "a pluralidade de situações e a multiplicação de discontinuidades e estatutos híbridos e provisórios parecem ser o essencial da condição juvenil actual" (Lopes, 1996:38). O mesmo autor entende que os traços inerentes à "geração social juvenil, encontram-se completamente estilhaçados" (Bourdieu, 1984:145), pelo que a juventude não constitui, *per si*, uma condição social na medida em que é fraccionada. Neste sentido, defende-se a ideia de "juventude como uma condição social internamente diferenciada, um modelo de construção de objecto que dê conta do que há de heterogéneo e *inconformável* na *aparente* situação única e típica que a palavra juventude identifica. Na verdade, bem vistas as coisas, nem as qualidades juvenis citadas são *universalmente* partilhadas por todos os jovens, nem os problemas que os reportam são por *todos*, ou mesmo, vividos pela *generalidade*" (Nunes, 1998:1). Neste âmbito, iremos acompanhar a discussão de alguns eixos centrais de vulnerabilidade e exclusão juvenil com excertos de duas entrevistas realizadas a jovens no quadro de uma investigação alargada levada a cabo no Bairro do Cerco do Porto (Guerra, 2002)

A exclusão sentida e vivida pelos jovens

Os jovens aparecem referidos, em alguns estudos, como uma categoria vulnerável aos fenómenos de pobreza e de exclusão social. José Luís Garcia, num estudo sobre pobreza e exclusão social na juventude, introduz o conceito de "estranhos", para se referir a todos aqueles que se encontram fora do sistema. A vivência enquanto estranhos leva a que grande parte destas pessoas vivencie um processo cumulativo e entrelaçado de exclusões sociais, ou seja, a distância que separa aqueles que estão dentro ou fora do sistema é, simultaneamente, *grande e, por vezes, tão pequena*, sendo marcada por fugas, rupturas e discontinuidades.

Quando se fala de jovens enquanto categoria vulnerável à exclusão, é preciso ter em conta algumas dimensões que contribuem para este fenómeno, tais como: os problemas associados à educação, ao emprego, entre outros. No que concerne à educação, o abandono escolar, o absentismo e o insucesso são os principais problemas inerentes a este sistema e que contribuem amplamente para a condição de excluído do jovem. Apesar de se verificar um aumento da frequência da educação pré-escolar e uma melhoria dos equipamentos disponíveis, a rede pública é insuficiente, sendo que muitas crianças ainda hoje não são abrangidas pela educação pré-escolar.

O facto do período de ensino ser mais duradouro no tempo, não quer dizer, no entanto, que este seja adequado para os jovens, situação ilustrada pelos problemas do insucesso escolar. A fuga à escola verifica-se mais em contextos suburbanos com uma industrialização acelerada e alargada. Na urbe, este problema é mais frequente em minorias étnicas, em contextos de reclusão e toxicodependência, entre outros. É necessário, assim, que a escola se abra à sociedade, uma vez que, para os que já estão na *cauda* da categoria social, esta situação agrava-se pela falta de abertura da escola ao meio, ou seja, é preciso uma escola que fomente a democratização na prática. Neste sentido, a escola pode agravar uma situação de estigmatização social, de reforço dos rótulos que os alunos já trazem para a mesma, ou como diria Bourdieu, a escola é um local de reprodução simbólica. Assim sendo, para os jovens “estranhos” a escola é um espaço estigmatizador, de violência e conflito, visto que, não existe uma articulação crescente entre as práticas educativas e as práticas da vida social (Garcia, 2000: 65- 102).

A inserção no mercado de trabalho é, também, problemática para estes jovens: “Uma das consequências mais visíveis deste fenómeno é o retardamento da entrada e estabilização no mundo laboral com o prolongamento da «condição juvenil» (...)”, isto é, “ (...) quanto mais vulnerável é a situação de jovem perante o emprego, mais se prolonga as trajectórias escolares e mais duradoura é a situação de dependência em relação à família de origem” (Ibidem: 140). A difícil inclusão dos jovens no mundo do trabalho, está na origem da inserção destes na economia subterrânea e paralela (biscates, prostituição, tráfico de droga, entre outros). Assim sendo, o trabalho deve ser encarado, como um elemento estruturador e integrador dos indivíduos, sendo que, “a vulnerabilização das pessoas e dos grupos começa, desde logo, no contexto de

trabalho, que pode induzir mecanismos de exclusão a partir de quatro condições distintas: a severidade das condições do desempenho laboral (...), a segurança do exercício do trabalho (...), as contrapartidas financeiras (...) e as contrapartidas em termos de provisão de garantias sociais” (Rodrigues, 2000:175).

A inserção dos jovens no mercado de trabalho é, hoje em dia, “um verdadeiro percurso de um combatente” (Garcia, 2000: 139-175). Assim, os implícitos do mercado de trabalho; o desajustamento entre as qualificações e as competências exigidas; a violência simbólica a que se tem de fazer face; a valorização do título em Portugal; a desvalorização das competências profissionais; os custos de adaptação a um trabalho ou emprego; entre outros, são algumas das *batalhas* que estes *combatentes* têm de fazer face para *saírem vitoriosos desta guerra*. Neste sentido, podemos concluir que a relação dos jovens “estranhos” com a escola e com o mercado de trabalho é, assim, muitas vezes, de exclusão.

Mas o cumulativo de exclusões vai para além da escola e do mercado de trabalho. Uma outra análise que sublinha a relação entre juventude e exclusão, é o estudo sobre a “galera”, realizado por François Dubet (1992). O termo “galera” é utilizado pelos jovens para descrever a sua situação, e é, simultaneamente, usado como uma metáfora pelo autor para caracterizar um conjunto de jovens alvo de exclusão social. Estes jovens pertencem a classes dominadas; vivem em zonas de habitação social e na periferia, num *clima* de constante *motim*; deixaram a escola com a escolaridade inacabada; têm contratos de trabalho precários, sendo que muitos deles vivem à deriva do sistema (não fazem nada); e consideram-se vítimas do sistema e da sociedade. Assim sendo, podemos dizer que estes jovens estabelecem relações fugazes com a cidade, a escola, a família, o emprego, não possuindo projectos de vida ou objectivos a atingir. É, por isso, e segundo o autor, um mundo difícil de se apreender mesmo para os próprios sociólogos.

*Têm para aí 19 ou 20 anos consomem, picam. (...) é pessoas que se metem na droga para vender (...)
Até mulheres que se picam.*

Morador 4- Nando, 18 anos, 2º ano de escolaridade

O autor apresenta três princípios de funcionamento da “galera”: desorganização social, exclusão e raiva. A primeira, a desorganização social, evidencia-se pelo facto de estes

jovens serem, na sua maioria, filhos da classe operária no sentido tradicional, não obstante, recusam esta herança, ou seja, já não querem ser operários como os pais, mas também *não sabem muito bem o que querem ser*. São, por isso, jovens sem capacidade de mobilização e que, paralelamente, sentem que vivem num guetto, isto é, actuam por si, não existindo qualquer laço de solidariedade entre eles e a família, adoptando o individualismo como forma de exclusão (a desconfiança e o egoísmo põem em causa as relações sociais). Um aspecto interessante, ainda dentro deste princípio, diz respeito às justificações que a “galera” apresenta para a situação em que vive. É um discurso de neutralização da culpabilidade, ou seja, não se assumem como culpados da sua situação, consideram que esta é fruto do azar, de circunstâncias infelizes e dos problemas familiares (pais alcoólicos, toxicodependência, abandono dos pais, entre outros); vivem assim, os efeitos da desorganização social, ilustrados por pequenos actos de delinquência e violência gratuita, que tem como único objectivo, a diversão. (Dubet, 1992)

Estão sempre a passar para cima e para baixo, o ambiente e pessoas estranhas. (...) Isso é mais lá para baixo, para o bloco 8. Não havia ali no 25 uma clínica? De droga. Havia. Era por cima de mim. (...) Era pessoas que iam para lá só para consumir (...) era só vender, outros picar, fumar. Isso é mais lá para baixo para o bloco 8.

Morador 4- Nando, 18 anos, 2º ano de escolaridade

Foi em 93, em 93 uma senhora começou a vender droga lá em baixo. (...) Ali no 25 é só barulho, é só droga. Se você viesse aqui á noite é só droga, os táxis aqui a passar. Os Blocos de droga: "Olhe é o 19, é o 12, é o 6, 8, 9, 25.

Morador 5 – Bruno, 15 anos, 4º ano de escolaridade

A propósito do conceito de diversão destes jovens, Machado Pais fala-nos de um “(...) humor *anti-institucional*, gozando com a escola e com os professores, com a família, o meio que os rodeia, etc. (...). Esta forma de resistencia anti-institucional através do humor é feita de forma subtil, camuflada, artística até (...) (Pais, 1990: 634). Quando falamos de diversão, é preciso ter em conta os dois significados semânticos deste conceito: se por um lado, ela pode ser entendida como um acto ou efeito de distrair (falta de atenção, divertimento – do latim *distractione*), por outro, ela surge como um acto ou efeito de divergir (desvio – do latim *diversione*). Assim sendo, muitas vezes, estes jovens “(...) divertem-se, fundamentalmente, à custa dos outros (...) e, portanto, esse divertimento aparece estreitamente ligado a uma divergência, a um distanciamento relativamente a quem se diverte, isto é, aos outros: adultos, professores (...)” (Ibidem: 633). Neste sentido, podemos dizer que os outros se

encontram na periferia da identidade grupal. Assim sendo “o bando assume a função de redefinir, numa base territorial, normas, papéis e estatutos indispensáveis à regulação dos comportamentos e ao restabelecimento da coesão social” (Queiroz, 2002: 128).

O primeiro roubo foi quando 2 gajos assaltaram um caro (...). Daqui de dentro do bairro. Partiram o vidro e roubaram o aparelho.

Morador 4- Nando, 18 anos, 2º ano de escolaridade

Até um colega meu já lhe deram uma facada. (...) Até o meu tio que também esta preso também lhe deram uma facada.

Morador 5 – Bruno, 15 anos, 4º ano de escolaridade

O segundo princípio de funcionamento da “galera” está associado à exclusão, ou seja, à imagem que o exterior constrói destes jovens. Estes encontram-se numa situação de excluídos, em quase todos os domínios da vida social, devido à sua imagem estigmatizada. Embora os *mass media* possuam um papel importante na reprodução destes estigmas, os próprios professores, e, até mesmo, entidades políticas, contribuem para esta situação. Assim sendo, podemos dizer que estes jovens estão abertos a todo um conjunto de problemas e de desintegração social, o que os leva a achar que a única solução é tornarem-se delinquentes (Dubet, 1992). Para uma melhor compreensão das questões do estigma é necessário recorrer aos contributos do interaccionismo simbólico e, muito particularmente, de Erving Goffman. Esta corrente ensina-nos que existe uma pluralidade de sinónimos do conceito de excluído, tais como: *outsider*, estigmatizado, desviante. Esta considera que o desvio é produto da interacção simbólica, ou seja, é a sociedade que “(...) estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias” (Goffman, 1982: 11). Neste sentido, o que é considerado como desvio é muito relativo, uma vez que, depende de um processo de legitimação social e do reconhecimento público. Assim sendo, o autor distingue “identidade social virtual” de “identidade social real”, ou seja, enquanto que a primeira “(...) é construída a partir do somatório de informações do «eu» recolhidas na interacção – aspectos físicos, reputação, modos de falar, modos de vestir, etc. (...)”, a segunda é “(...) composta pelos atributos próprios, ou seja, reais dos indivíduos” (Guerra, 2002: 49). Os rótulos atribuídos a estes jovens, e a sua posterior interiorização, leva a que estes se comportem de acordo com aquilo que a sociedade espera deles, ou seja, comportam-se em conformidade com o rótulo de delinquente

que esta última lhes impôs. Podemos então dizer que, o que está em jogo na “galera” é um processo de auto e hetero exclusão. Estes jovens vivenciam uma experiência de exclusão do ser jovem, isto é, dos modos de vida e de todos os bens de consumo que os outros possuem. Assim, são desenvolvidas condutas de retracção, de silêncio, de fracasso, de apatia.

Punha aqui a polícia à força todo o dia. (...) Para esta droga acabar e as pessoas mudarem. (...) Recolher aqui os pobres e limpar isto (...) tirar a droga toda que há aqui no bairro.

Morador 5 – Bruno, 15 anos, 4º ano de escolaridade

Acho que não, está tudo podre isto.

Morador 5 – Bruno, 15 anos, 4º ano de escolaridade

Sinto-me mais ou menos seguro (...) (Ameaças). Não, a mim não. Mas fazem às pessoas que vêm aqui estranhas, começam a fazer ameaças. E às vezes as pessoas até fogem daqui do Cerco. (...) Lá no meu bloco aquilo era para cima e para baixo e ofereciam porrada.

Morador 4- Nando, 18 anos, 2º ano de escolaridade

A questão da desvalorização pessoal vai implicar a vergonha de si mesmos e, por consequência, a exclusão social, recusando qualquer tipo de valoração do seu *self*: “os processos de estigmatização traduzem-se em sentimentos de exclusão e auto exclusão (...)”, ou seja, o estigmatizado, e por sua vez excluído “(...) passa por um processo de auto-consciencialização de exclusão, o que produz um *status* social desvalorizado que, uma vez partilhado por uma mesma categoria social cria condições favoráveis à luta” (Guerra, 2002: 50).

A Câmara por enquanto por aqui ainda não fez nada. Estava previsto fazerem ali 2 quintais e um campo mas por enquanto ainda não fizeram nada. (...) A Junta já fez. Fez aqui um torneio.

Morador 4- Nando, 18 anos, 2º ano de escolaridade

Porque foi sempre a casa em que eu vivi (...) Gostava de mudar porque já estou cheio daqui do bairro. (...) porque o Falcão não tem muita droga, o Contumil também não, preferia ir para o Falcão do que estar aqui no Cerco.

Morador 4- Nando, 18 anos, 2º ano de escolaridade

É só droga aqui neste bairro. Quem me dera sair daqui.

Morador 5 – Bruno, 15 anos, 4º ano de escolaridade

O último princípio de funcionamento está associado, ao que o autor apelida de *raiva*. Viver na “galera” é como viver na selva, ou seja, cada um tenta desenrascar-se a si próprio, nem que para isso precise de prejudicar os outros. Eles consideram-se vítimas do oportunismo social, sendo muito críticos em relação à sociedade que os envolve. Face a todos os problemas, de que se consideram vítima, estes jovens desenvolvem,

assim, um sentimento de ódio em relação a tudo e todos. Assim sendo, e como consequência de se viver na “galera”, é desenvolvido um sentimento de dependência clientelista face aos subsídios, paralelamente com o crescimento da delinquência, da violência física e verbal e da toxicodependência, não existindo assim nenhum princípio estável mas antes lógicas imprevisíveis e contraditórias (Dubet, 1992).

Isso deve-se à droga.

Morador 4- Nando, 18 anos, 2º ano de escolaridade

Só droga. (...) Outras coisas. Há aí roubos... Eu tenho aí bicicletas e roubaram-me tudo, é tapetes da minha mãe e tudo. Foi quando a droga começou a vir para aqui, é por isso que eu não gosto deste bairro.

Morador 5 – Bruno, 15 anos, 4º ano de escolaridade

Todos os problemas supramencionados, permitem perceber que há um conjunto de factores que poderão originar a exclusão do jovem, principalmente, se nos referirmos a populações pobres residentes em territórios de exclusão. Neste sentido, estes jovens estão submetidos “a constrangimentos que lhes restringem as oportunidades de acesso a recursos fundamentais, para participar em modos de vida compatíveis com os padrões dominantes nas modernas sociedades consideradas desenvolvidas” (Queiroz, 2002: 125). A análise da realidade, como veremos, permitiu-nos, de facto, partilhar da opinião de A. Bruto da Costa (1997), no sentido da utilização do conceito de “exclusões sociais”, uma vez que se trata de um fenómeno demasiado complexo e multidimensional, para além de que a análise de fenómenos de marginalização e segregação social implica ter em conta, também, a construção de uma auto e hetero imagem.

Eu não sei porque vim para cá viver. A minha avó é que soube, ela era para ir viver para a Pasteleira, mas como o Bairro tem muito sossego, o Cerco, ela ficou aqui.

Morador 4- Nando, 18 anos, 2º ano de escolaridade

Referências Bibliográficas

Bourdieu, Pierre (1984) - “La «jeunesse» n’est qu’un mot”, in Questions de Sociologie, Paris, Les éditions de Minuit, 1984

Dubet, François e Didier Lapeyronnie (1992) - *Les Quartiers d’Exil*, Paris, Édition Le Seuil.

Duprez, Dominique e Mahieddine Hedli (1992) - *Le Mal des Banlieus? Sentiment d’Insecurité et Crise Identitaire*, Paris, Éditions L’Harmattan.

Garcia, José Luís (2000) – *Estranhos. Juventude e dinâmicas de exclusão social em Lisboa*. Oeiras: Celta Editora.

Goffman, Erving (1982) - *Estigma - notas sobre a manipulação da identidade social deteriorada*, Rio de Janeiro, Zahar Ed.

Guerra, Paula (2002) - *A Cidade na Encruzilhada do Urbano - Algumas modalidades de relação e um estudo de caso acerca do processo de recomposição social e espacial do tecido urbano portuense na década de 90*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Provas de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica em Sociologia Urbana.

Guerra, Paula (2002) - *Cenários de Insegurança: contributos do interaccionismo simbólico para uma análise sociológica da construção mediática do desvio*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Relatório de uma Aula Prática inserido nas Provas de Capacidade Científica e Aptidão Pedagógica em Sociologia Urbana e Sociologia do Desvio.

Lopes, João Teixeira (1996) - *Tristes escolas – Práticas culturais estudantis no espaço escolar urbano*, Porto, Edições Afrontamento.

Nunes, João Sedas (1998) - "Perfis Sociais Juvenis", in Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coord.), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta Editora.